

## Prólogo

Já tiveste dias maus, certo? Daqueles em que o despertador não toca, a torrada praticamente pega fogo e só te lembras tarde demais de que todas as peças de roupa que possuis estão encharcadas no fundo da máquina de lavar? E depois vais a correr para a escola, quinze minutos atrasada, a *rezar* para que ninguém repare que o teu cabelo parece o da Noiva de Frankenstein, mas, no instante em que te sentas à secretária, o teu professor estrondeia: «Hoje atrasou-se, menina Emerson?», e toda a gente olha para ti e repara.

Tenho a certeza de que já tiveste desses dias. Todos temos. Então e dias maus mesmo a sério? Daqueles tão tensos e horríveis, que mastigam as coisas de que gostas só pelo prazer de tornar a cuspir-tas na cara?

O dia em que a minha mãe me contou do Howard recaiu firmemente na categoria *mau mesmo a sério*. Mas, nessa altura, ele era a menor das minhas preocupações.

O meu décimo ano tinha começado há duas semanas e eu e a minha mãe íamos a caminho de casa, vindas da consulta dela. O carro seguia em silêncio, não fosse por um anúncio radiofónico narrado por dois imitadores de Arnold Schwarzenegger, e, apesar de estar um dia quente, eu sentia arrepios pelas pernas acima e abaixo. Nessa mesma manhã, tinha ficado em segundo lugar na minha primeira competição de corta-mato e mal podia acreditar na pouca importância que isso passara a ter.

A minha mãe desligou o rádio.

— Lina, que estás a sentir? — A sua voz estava calma, mas, quando olhei para ela, vieram-me de novo as lágrimas aos olhos. Ela estava tão pálida e magrinha. Como é que eu não tinha reparado em como estava *magrinha*?

— Não sei — respondi, tentando manter a voz estável. — Sinto-me em estado de choque.

Ela assentiu com a cabeça, parando o carro num semáforo. O Sol esforçava-se ao máximo por nos cegar e eu olhei para ele fixamente, com os olhos a arder. *Este é o dia que muda tudo*, pensei. *A partir de agora, só haverá o antes e o depois de hoje.*

A minha mãe aclarou a garganta e, quando olhei de relance para ela, endireitou-se como se tivesse alguma coisa importante para me dizer.

— Lina, já te falei daquela vez em que me desafiaram para nadar numa fonte?

Virei-me de repente.

— O quê?

— Lembras-te de te ter contado que estive um ano em Florença a estudar? Andava na rua a fotografar com os meus colegas, e o dia estava tão quente, que achei que ia derreter. E um amigo meu, o Howard, desafiou-me para saltar para dentro de uma fonte.

Agora, lembrem-se de que tínhamos acabado de receber a pior notícia das nossas vidas. *A pior.*

— Assustei um grupo de turistas alemães. Estavam a fazer pose para uma foto e, quando emergi da água, um deles perdeu o equilíbrio e quase caiu de costas na fonte comigo. Como estavam furiosos, o Howard gritou que eu estava a afogar-me e saltou atrás de mim.

Fitei-a e ela virou-se para mim e fez-me um ligeiro sorriso.

— Hum... mãe? Isso até tem graça, mas porque é que estás a contar-me isso agora?

— Queria só falar-te sobre o Howard. Ele era mesmo muito divertido. — O semáforo abriu e ela carregou no acelerador.

«O quê?», pensei eu. «O quê, o quê, o quê?»

Primeiro, pensei que a história da fonte fosse um mecanismo de defesa, como se ela julgasse que uma história acerca de um amigo antigo nos pudesse distrair dos dois blocos de granito que pendiam sobre as nossas cabeças. *Inoperável. Incurável.* Mas depois ela contou-me mais uma história. E mais outra. Chegou ao ponto em que ela começava a falar e, depois de três palavras, eu já sabia que ia trazer o Howard à baila. E depois, quando finalmente me explicou o motivo de todas as histórias sobre o Howard... Bem, digamos apenas que a ignorância é uma bênção.

— Lina, quero que vás para Itália.

Estávamos em meados de novembro e eu encontrava-me sentada ao lado da sua cama de hospital com uma pilha de revistas *Cosmo* antigas que surripiara da sala de espera. Tinha passado os últimos dez minutos a responder a um questionário chamado: «Numa Escala de Um a Ardência: Até que Ponto És Quente?» (7/10)

— Itália? — Eu estava um bocado distraída. A pessoa que respondera ao questionário antes de mim tinha obtido uma pontuação de 10/10 e eu estava a tentar perceber porquê.

— O que eu estou a dizer é que quero que vás viver para Itália. Depois.

Isso prendeu-me a atenção. Primeiro, eu não acreditava no *depois*. Sim, é verdade que o cancro estava a avançar como os médicos haviam dito, mas os médicos não sabiam tudo. Nessa precisa manhã, eu tinha marcado um artigo na Internet acerca de uma mulher que tinha vencido o cancro e fora escalar o monte Kilimanjaro. Segundo... *Itália?*

— Porque é que havia de fazer uma coisa dessas? — perguntei, com ligeireza. Era importante fazer-lhe a vontade. Evitar o *stress* é uma parte importante da recuperação.

— Quero que vás viver com o Howard. O ano que passei em Itália teve muito significado para mim, e eu quero que tenhas essa mesma experiência.

O meu olhar atirou-se ao botão de chamada da enfermeira. *Viver com o Howard em Itália?* Ter-lhe-ão dado morfina a mais?

— Lina, olha para mim — disse ela, na sua voz mais autoritária de eu-é-que-sou-a-mãe.

— O Howard? Aquele tipo de quem estás sempre a falar?

— Sim. É o melhor homem que já conheci. Ele manter-te-á em segurança.

— Em segurança em relação *a quê?* — Olhei-a nos olhos e, de repente, a minha respiração começou a ficar curta e acelerada. Ela estava a falar a sério. Será que há sacos de papel guardados nos hospitais?

Ela abanou a cabeça, com os olhos brilhantes.

— As coisas vão ser... difíceis. Não temos de falar nisso agora, mas eu queria ter a certeza de que ouvias a minha decisão pela minha boca. Vais precisar de alguém. Depois. E eu acho que ele é a melhor pessoa.

— Mãe, isso nem sequer faz sentido. Porque é que eu havia de ir viver com um estranho? — Levantei-me de um salto e comecei a vasculhar as gavetas da mesa de apoio. Tinha de haver um saco de papel *algures*.

— Lina, senta-te.

— Mas, mãe...

— Senta-te. Vais ficar bem. Vais ultrapassar. A tua vida vai continuar e vai ser ótima.

— Não — disse eu. — *Tu* é que vais ultrapassar. Às vezes, as pessoas recuperam.

— Lina, o Howard é um amigo maravilhoso. Vais adorá-lo.

— Duvido. E se ele é assim tão bom amigo, porque é que nunca o conheci? — Desisti de encontrar um saco, deixando-me cair novamente na cadeira e pondo a cabeça entre os joelhos.

Ela fez um esforço para se endireitar na cama, depois esticou-se e pousou a mão nas minhas costas.

— As coisas complicaram-se um bocadinho entre nós, mas ele quer poder conhecer-te. E disse que adoraria ter-te lá a morar com ele. Promete que vais tentar. Uns meses, ao menos.

Alguém bateu à porta e ambas erguemos o olhar para ver uma enfermeira vestida com uma bata azul-bebé.

— Estou só a fazer a ronda — entoou ela, ignorando ou não reparando na expressão no meu rosto. Numa Escala de Um a Tenso, o quarto estava a cerca de 100/10.

— Bom dia. Estava agora a dizer à minha filha que ela precisa de ir para Itália.

— Itália — disse a enfermeira, levando as duas mãos ao peito. — Fui lá na minha lua de mel. *Gelato*, a Torre de Pisa, gôndolas em Veneza... Vai adorar.

A minha mãe sorriu-me de modo triunfante.

— Mãe, *não*. Nem pensar que eu vou para Itália.

— Oh, mas tem de ir, minha querida — disse a enfermeira. — Vai ser uma experiência única na vida.

A enfermeira acabou por ter razão numa coisa: eu tinha mesmo de ir. Mas ninguém me deu a mais ínfima pista do que eu iria encontrar quando lá chegasse.



## Capítulo 1

A casa avultava-se radiosa ao longe, como um farol num mar de lápides. Mas não podia ser a casa *dele*, pois não? O mais provável era estarmos simplesmente a seguir algum costume italiano. *Levar sempre os recém-chegados de passagem por um cemitério. Assim sentem um cheirinho da cultura local.* Pois, deve ser isso.

Entrelacei os dedos no colo, sentindo o estômago pesado à medida que a casa se aproximava cada vez mais. Era como ver o Tubarão a emergir das profundezas do oceano. *Tcharan.* Só que não era um filme. Era real. E já só faltava virar à esquerda. *Não entres em pânico. Não pode ser aqui. A mãe não iria mandar-te viver num cemitério. Ter-te-ia avisado. Teria...*

Ele fez pisca e eu senti o ar todo a fugir-me dos pulmões. *Ela simplesmente não me disse.*

— Estás bem?

O Howard, o meu pai, como acho que lhe devo chamar, olhava para mim com uma expressão preocupada. Provavelmente porque eu acabara de produzir um ruído de pieira.

— Aquela é a sua...? — Falharam-me as palavras, por isso tive de apontar.

— Bem, sim. — Ele hesitou por um momento e depois gesticulou para fora da janela. — Lina, tu não sabias? Não sabias de nada disto?

«Nada disto» nem por sombras se aproximava de uma descrição do enorme cemitério iluminado pelo luar.

— A minha avó disse-me que eu ia viver em solo de propriedade americana. Disse que o Howard era o zelador de um memorial à Segunda Guerra Mundial. Não pensei que... — O pânico vertia sobre mim como xarope quente. E eu parecia não conseguir terminar uma única frase. *Respira, Lina. Já sobreviveste ao pior. Também consegues sobreviver a isto.*

Ele apontou para o fundo da propriedade.

— O memorial é aquele edifício além. Mas o restante terreno é para as campas dos soldados americanos mortos em Itália durante a guerra.

— Mas esta não é a sua *casa* casa, certo? É apenas onde trabalha?

Ele não respondeu. Ao invés, parámos no caminho de acesso e eu senti a minha última réstia de esperança a esmorecer juntamente com a luz dos faróis do carro. Não era apenas uma casa. Era um *lar*. Havia gerânios vermelhos a ladear o passadiço e um baloiço no alpendre a ranger para a frente e para trás, como se alguém tivesse acabado de se levantar. Se subtraísse as cruces que contornavam os relvados circundantes, seria mais uma casa normal num qualquer bairro normal. Mas não se tratava de um bairro normal. E aquelas cruces não pareciam estar de partida. Nunca.

— Eles gostam de ter um zelador sempre presente no local, por isso construíram esta casa nos anos sessenta. — O Howard tirou as chaves da ignição e tamborilou nervosamente os dedos sobre o volante. — Lamento imenso, Lina. Pensei que soubesses. Nem consigo imaginar o que estejas a pensar neste momento.

— É um cemitério. — A minha voz parecia um chá fraco.

Ele virou-se para mim, mas sem me olhar propriamente nos olhos.

— Pois é. E a última coisa de que precisas é de algo que te lembre tudo aquilo por que passaste este ano. Mas acho que vais descobrir que se aprende a gostar deste sítio. É verdadeiramente tranquilo e comporta muitos momentos históricos importantes. A tua mãe adorava. E depois de estar aqui há quase dezassete anos, eu não me imagino a viver em mais lado nenhum.



A voz dele era esperançosa, mas eu deixei-me cair novamente no banco, com um enxame de perguntas a levantar voo na minha cabeça. *Se ela gostava assim tanto disto, porque é que nunca me contou? Porque é que nunca falou em ti a não ser quando adoeceu? E pelo amor a tudo o que é mais sagrado, que é que a fez deixar de fora o ínfimo pormenor de que tu és o meu pai?*

O Howard absorveu o meu silêncio por um instante, depois abriu a porta do carro.

— Vamos para dentro. Eu vou buscar a tua mala.

Os quase dois metros de homem deram a volta à parte de trás do carro e eu inclinei-me para o observar pelo retrovisor lateral. Tinha sido a minha avó a preencher as lacunas. *Ele é o teu pai; por isso é que ela quis que fosses viver com ele.* Eu já devia estar a prever isto. Mas a verdadeira identidade do velho amigalhaço Howard parecia-me ser o tipo de coisa a que a minha mãe deveria pelo menos ter *feito menção*.

O Howard fechou a mala do carro e eu sentei-me direita e comecei a vasculhar a minha mochila, ganhando assim mais alguns segundos. «Lina, pensa. Estás sozinha num país estrangeiro, um gigante incapaz acabou de se assumir como teu pai e a tua nova casa podia ser o cenário de um filme de apocalipse zombie. Faz qualquer coisa.»

Mas o quê? A menos que tirasse as chaves do carro à força ao Howard, não me ocorria uma única maneira de me livrar de entrar naquela casa. Por fim, lá desapertei o cinto de segurança e segui-o até à porta da frente.

Lá dentro, a casa era agressivamente normal, como se achasse que talvez pudesse compensar a sua localização se se esforçasse o suficiente. O Howard pousou a minha mala à entrada e avançámos para uma sala de estar com duas cadeiras estofadas e um sofá de pele. Nas paredes havia uma série de cartazes de viagens *vintage* e, pelo cheiro, parecia que a casa toda tinha estado a marinar em alho e cebola. Mas no bom sentido. Obviamente.

— Bem-vinda a casa — disse o Howard, acendendo a luz principal. Fui invadida por um novo pânico e ele retraiu-se ao ver a minha expressão. — Bem-vinda a Itália, quero eu dizer. Estou tão contente por aqui estares.

— Howard?

— Olá, Sonia.

Uma mulher alta como uma gazela entrou na sala. Seria talvez uns anos mais velha do que o Howard e tinha a pele cor de café e filas de pulseiras em cada braço. Deslumbrante. E também uma surpresa.

— Lina — disse ela, pronunciando o meu nome com cuidado. — Chegaste. Como foram os teus voos?

Desloquei o peso do corpo de um pé para o outro. Será que alguém nos ia apresentar?

— Foram bons. O último foi muito longo.

— Estamos tão contentes por aqui estares. — Fez-me um sorriso radioso, e depois houve um momento tenso de silêncio.

Por fim, dei um passo em frente.

— Então... a senhora é a mulher do Howard?

O Howard e a Sonia olharam um para o outro e praticamente começaram a rir à gargalhada.

Lina Emerson. Génio cómico.

O Howard lá acabou por se controlar.

— Lina, esta é a Sonia. É a supervisora-adjunta do cemitério. Já cá trabalha há mais tempo do que eu.

— Só há mais uns meses — disse a Sonia, enxugando os olhos. — O Howard faz-me sempre parecer um dinossauro. A minha casa também é aqui na propriedade, um bocadinho mais perto do memorial.

— Quantas pessoas aqui vivem?

— Só nós os dois. Agora, três — respondeu o Howard.

— E cerca de quatro mil soldados — acrescentou a Sonia, com um sorriso nos lábios. Semicerrou os olhos ao Howard e eu olhei de relance para trás, mesmo a tempo de o ver a atravessar

freneticamente a garganta com um dedo. Comunicação não-verbal. Espetacular.

O sorriso da Sonia desvaneceu-se.

— Lina, estás com fome? Fiz uma lasanha.

Era *dai* que vinha o cheiro.

— Estou com bastante fome — admiti. Um eufemismo.

— Ainda bem. Fiz a minha especialidade. Lasanha com pão de alho com extra sabor a alho.

— Boa! — disse o Howard, agitando os braços como uma dona de casa n’*O Preço Certo*. — Resolveste estragar-nos com mimos.

— É uma noite especial, por isso quis dar o meu melhor. Lina, deves querer lavar as mãos. Vou servir a comida e podes ir ter connosco à sala de jantar.

O Howard apontou para o outro lado da sala de estar.

— A casa de banho é ali.

Assenti com a cabeça e pousei a mochila na cadeira mais próxima, antes de praticamente fugir da sala. A casa de banho era minúscula, mal chegava para caber uma sanita e um lavatório, e eu pus a correr a água o mais quente que consegui suportar, esfregando o aeroporto das mãos com uma lasca de sabão que estava à beira do lavatório.

Enquanto esfregava, tive um vislumbre de mim mesma no espelho e resmoneei. Estava com aspeto de quem tinha sido arrasada por três fusos horários diferentes. Coisa que, na verdade, tinha acontecido. A minha pele habitualmente morena estava pálida e com um ar amarelado, e eu estava com olheiras escuras. E o meu *cabelo*. Finalmente arranjava maneira de desafiar as leis da física. Molhei as duas mãos e tentei acachapar os caracóis, mas isso só pareceu incentivá-los. Por fim, desisti. Que é que interessava se eu parecia um ouriço-cacheiro que tinha descoberto o *Red Bull*? Os pais têm de nos aceitar como somos, não é?

A música começou a tocar do lado de fora da casa de banho, e o meu nervosismo aumentou de chama a fogueira. Será que eu

precisava mesmo de jantar? Talvez pudesse ir esconder-me algures num quarto, enquanto processava aquela coisa toda do cemitério. Ou não a processava. Mas foi nessa altura que o meu estômago roncou em protesto e *ugh*. Tinha mesmo de comer.

— Cá está ela — disse o Howard, pondo-se em pé quando eu entrei na sala de jantar. A mesa estava posta com uma toalha vermelha axadrezada, e no *iPod* junto à entrada tocava uma canção *rock* antiga que pensei reconhecer. Ocupei o meu lugar numa cadeira virada para eles e o Howard também se sentou.

— Espero que estejas com fome. A Sonia é uma ótima cozinheira, acho que não seguiu a vocação da sua vida. — Agora que já não éramos só nós os dois, ele parecia muito mais descontraído.

A Sonia abriu um grande sorriso.

— Nem pensar. Eu estava destinada à vida no memorial.

— Tem mesmo bom aspeto. — E quando digo «bom», quero dizer *impressionante*. Ao lado de um cesto com fatias grossas de pão de alho encontrava-se um tabuleiro de lasanha fumegante, bem como uma saladeira cheia de tomate e alface de aspeto estaladiço. Precisei de toda a minha força de vontade para não me atirar logo para cima da mesa.

A Sonia cortou a lasanha e colocou um grande quadrado pegajoso mesmo no centro do meu prato.

— Serve-te de pão e salada. *Buon appetito*.

— *Buon appetito* — ecoou o Howard.

— *Buon appe...* qualquer coisa — balbuciei.

Assim que toda a gente foi servida, peguei no garfo e ataquei a lasanha. Sabia que devia parecer um mastodonte selvagem, mas, depois de um dia inteiro de comida de avião, não consegui evitar. Aquelas doses eram *minúsculas*. Quando finalmente levantei a cabeça para respirar, a Sonia e o Howard estavam os dois a olhar espedados para mim, sendo que o Howard parecia ligeiramente horrorizado.

— Então, Lina, que tipo de coisas gostas de fazer? — perguntou a Sonia.

Agarrei no guardanapo.

— Além de assustar as pessoas com as minhas maneiras à mesa?

O Howard soltou um riso abafado.

— A tua avó disse-me que adoras correr. Disse que a tua média era de sessenta e cinco quilómetros por semana e que estás com esperança de correr na faculdade.

— Bem, isso explica o apetite. — A Sonia tirou mais uma dose e eu estendi-lhe agradecidamente o prato. — Corres na escola?

— Corria. Estava na equipa principal de corta-mato, mas abdiquei do meu lugar quando soubemos.

Os dois olharam para mim.

— Quando soubemos do cancro. O treino consumia-me muito tempo, e eu não queria sair da cidade para ir às competições e assim.

O Howard assentiu com a cabeça.

— Acho que o cemitério é um ótimo sítio para uma corredora. Montes de espaço e belas estradas planas. Dantes, eu passava a vida a correr aqui. Antes de ficar gordo e preguiçoso.

A Sonia revirou os olhos.

— Ora, por favor. Não conseguias engordar, mesmo que tentasses. — Acotovelou o cesto de pão na minha direção. — Sabias que eu e a tua mãe éramos amigas? Ela era um amor. Tão talentosa e cheia de vida.

*Não, também não me disse isso.* Seria possível que eu estivesse a ser apanhada nalgum elaborado esquema de rapto? Será que os raptos me iriam alimentar com dois pedaços da melhor lasanha que já comi? E será que, se fossem pressionados, me dariam a receita?

O Howard aclarou a garganta, fazendo-me voltar à conversa.

— Lamento. Hum, não. Ela nunca falou em si.

A Sonia assentiu com a cabeça, sem expressão no rosto, e o Howard olhou de relance para ela e depois para mim.

— Deves estar a sentir-te bastante cansada. Há alguém com quem queiras entrar em contacto? Enviei uma mensagem à tua

avó quando o teu avião chegou, mas estás à vontade para lhe telefonares. Tenho um plano de chamadas internacionais no meu telemóvel.

— Posso ligar à Addie?

— Essa é a amiga com quem estavas a viver?

— Sim. Mas eu tenho o meu portátil. Podia usar o *FaceTime*.

— Se calhar esta noite não vai dar. A Itália não se encontra propriamente na vanguarda da tecnologia e a nossa ligação de Internet tem estado muito lenta durante o dia todo. Amanhã vem cá alguém ver o que se passa, mas entretanto podes usar o meu telemóvel.

— Obrigada.

Ele empurrou a cadeira para trás.

— Alguém quer vinho?

— Sim, por favor — respondeu a Sonia.

— Lina?

— Hum... eu não tenho idade.

Ele sorriu.

— Em Itália não há idade legal para beber, portanto acho que aqui as coisas são um bocadinho diferentes. Mas não há pressão em nenhum dos sentidos.

— Vou passar.

— Já volto. — Ele encaminhou-se para a cozinha.

A sala ficou em silêncio durante uns dez segundos, depois a Sonia pousou o garfo.

— Estou tão feliz por aqui estares, Lina. E quero que saibas que, se precisares de alguma coisa, eu estou ali ao virar da esquina. Literalmente.

— Obrigada. — Foquei o olhar num ponto mesmo por cima do ombro esquerdo dela. Os adultos faziam sempre um enorme esforço ao pé de mim. Achavam que, se fossem suficientemente amáveis, poderiam compensar o facto de eu ter perdido a minha mãe. E isso era ao mesmo tempo querido e horrível.

A Sonia olhou de relance na direção da cozinha e baixou o tom de voz.

— Queria perguntar-te se não te importas de passar pela minha casa amanhã, quando puderes. Tenho uma coisa para te dar.

— O quê?

— Falamos sobre isso nessa altura. Esta noite concentra-te apenas em instalares-te.

Abanei simplesmente a cabeça. Eu ia instalar-me o mínimo possível. Nem sequer iria desfazer a mala.

Depois do jantar, o Howard insistiu em ser ele a levar a minha mala para cima.

— Espero que gostes do teu quarto. Tornei a pintá-lo e redeco-rei-o há duas semanas, e acho que o resultado ficou muito agradável. Eu deixo ficar quase todas as janelas abertas no verão, porque a casa fica muito mais fresca, mas estás à vontade para fechar as tuas, se preferires. — Falava com rapidez, como se tivesse passado a tarde inteira a ensaiar o seu discurso de boas-vindas. Pousou a minha mala no chão, diante da primeira porta. — A casa de banho é ali do outro lado do corredor, e já lá pus sabonete e champô novos. Diz-me de que mais precisas que eu amanhã vou comprar, pode ser?

— Sim.

— E, como já disse, a Internet tem andado bastante inconstante, mas, se decidires experimentar, a nossa rede chama-se «Cemitério Americano».

Pois, como é evidente.

— Qual é a *password* do *wi-fi*?

— Muro dos Desaparecidos. Tudo junto.

— Muro dos Desaparecidos — repeti. — Que significa isso?

— É uma parte do memorial. Há uma série de placas em pedra com os nomes dos soldados cujos corpos nunca foram recuperados. Posso mostrar-te amanhã, se quiseres.

— Obrigada, mas *nãããooo*. Bem, estou muito cansada, por isso... — Fiz um movimento em direção à porta.

Ele percebeu a deixa e entregou-me um telemóvel com um pedacinho de papel.

— Anotei as instruções para ligares para os Estados Unidos. Tens de pôr não só um código de zona como um código de país. Avisa-me se tiveres alguma dificuldade.

— Obrigada. — Guardei o papel no bolso.

— Boa noite, Lina.

— Boa noite.

Ele virou costas e percorreu o corredor, e eu abri a porta e arrastei a mala para dentro do quarto, sentindo os ombros a descair com o alívio de estar finalmente sozinha. «Bem, estás mesmo aqui», pensei, «só tu e os teus quatro mil novos amigos.» A porta tinha uma fechadura, que rodei com um estalido satisfatório. Depois virei-me lentamente, preparando-me para o que quer que fosse que o Howard queria dizer com «muito agradável». Mas foi então que o meu coração praticamente parou, porque... *uuu*.

O quarto era perfeito. Uma luz suave irradiava de um adorável candeeiro dourado na mesinha de cabeceira, e a cama tinha aspeto de ser muito antiga, com umas mil almofadas decorativas. Uma secretária e uma cómoda pintadas encontravam-se em lados opostos do quarto, e na parede junto à porta estava pendurado um grande espelho oval. Havia até um conjunto de molduras vazias na mesinha de cabeceira e na cómoda, como se estivessem à espera de que eu as enchesse.

Fiquei ali parada um minuto a olhar. Era tão *eu*. Como era possível que alguém que nunca me tinha visto tivesse conseguido montar o meu quarto perfeito? Talvez as coisas *não fossem* correr assim tão mal...

E foi então que uma rajada de vento soprou para dentro do quarto, chamando-me a atenção para a grande janela aberta. Eu tinha ignorado a minha própria regra: *Se parece bom demais para ser verdade, é porque deve ser mesmo*. Encaminhei-me para lá e espreitei para fora. As lápides reluziam ao luar como fileiras de dentes, e tudo estava escuro e sinistramente silencioso. Nenhuma beleza conseguia compensar uma vista daquelas.

Tornei a pôr a cabeça para dentro e tirei o pedaço de papel do bolso. Estava na hora de planear a minha fuga.